



2024.2 . Ano XLI . Número 48

CALÍOPE

Presença Clássica

*Dossiê “Estudos sobre a literatura helenística
e a sua recepção antiga e moderna”*

Separata 9

2024.2 . Ano XLI . Número 48

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Separata 9

Dossiê “Estudos sobre a literatura helenística
e a sua recepção antiga e moderna”

ORGANIZADORES

Flávia Amaral | Fernando Rodrigues Jr. | Rainer Guggenberger

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda
SUBSTITUTO EVENTUAL Beatriz Cristina de Paoli Correia

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basilio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University) – *in memoriam*
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Mosaico que representa uma cena marinha. Séc. I d.C. Ampúrias, L'Escalà, Alt Empordà (Espanha). Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORACÃO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 48
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger | Leonardo Vichi | Vinicius Francisco Chichurra

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@lettras.ufrj.br

As referências a Sócrates no *Encheirídion* de Epicteto

Gabriel Heil Figueira da Silva | Rainer Guggenberger

RESUMO

O trabalho investiga a importância de Sócrates no *Encheirídion* de Epicteto por meio de breve análise das alusões e das citações socráticas nessa obra, na qual ensinamentos do filósofo estoico se encontram registrados, de forma resumida, por seu discípulo Arriano. Nossa investigação se torna relevante pelo fato de as referências a Sócrates serem mais frequentes do que aquelas a outros filósofos, inclusive, aos fundadores do estoicismo.

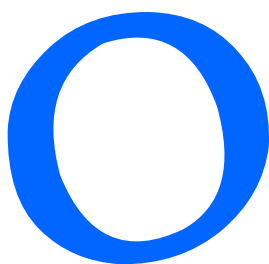
PALAVRAS-CHAVE

Encheirídion; Citações; Alusões; Sócrates; Epicteto.

SUBMISSÃO 28.1.2025 | APROVAÇÃO 2.7.2025 | PUBLICAÇÃO 3.7.2025

DOI 10.17074/cpc.v1i48.66994

EPICTETO E SÓCRATES



presente texto visa a tratar das referências¹ a Sócrates na obra *Encheirídion* de Epicteto, elaborada por seu discípulo Arriano. Na Antiguidade, referências eram usadas, principalmente, como ferramenta retórica, seja para o ornamento da fala, seja para conseguir melhor atenção do público,² bem como para embasar um argumento. Existem estudos sobre citações na Antiguidade que evidenciam o motivo por trás da escolha de autores específicos no momento de citar. Barbara Graziosi³ mostra, em seu estudo sobre poesia épica, que Homero era muito citado na Grécia clássica para exaltar atividades belicistas e assuntos sobre hierarquia social, enquanto Hesíodo era mais evocado para tratar de atividades domésticas e do campo, ou seja, atividades mais pacíficas. Essa constatação reforça ainda mais a ideia de que as citações eram utilizadas como forma de embasamento argumentativo e aplicadas, mais frequentemente, na poética, desde, pelo menos, o período clássico da Grécia antiga.⁴

Epicteto é um dos protagonistas do chamado Estoicismo romano,⁵ que se estendeu do fim do séc. I AEC até metade do séc. II EC. Epicteto nasceu em Hierápolis e viveu entre os séc. I e II EC. Não se sabe com precisão a data de seu nascimento, mas especula-se que seja entre os anos 50 e 55, e sua morte, provavelmente, entre os anos 125 e 130. Sua vida pessoal é pouco conhecida. Segundo Duhot,⁶ Epicteto foi um escravo alforriado levado a Roma, onde aprendeu e seguiu os ensinamentos de Musônio Rufo.⁷ Posteriormente, Epicteto começou a ensinar em Roma e, depois, em Nicópolis.⁸ Não restou nada escrito pelo próprio Epicteto. O que sobrou dos seus ensinamentos são os registros do seu discípulo Flavio Arriano, sendo eles quatro livros,⁹ que compõem as *Diatribai*, e um *Encheirídion*.

Arriano explica, em uma carta a Lúcio Gélio, geralmente publicada como prefácio das *Diatribai*, que as publicou após ver que as suas notas pessoais de curso estavam em domínio público. Então, querendo evitar distorções dos ensinamentos de seu

mestre, resolve publicá-las. O *Encheirídion*, por sua vez, é versão resumida das *Diatribai*. Apesar de, dessa vez, não ter nenhuma carta do próprio Arriano afirmando ser um resumo, ou dizendo o porquê da publicação do *Encheirídion*, o fato de ser um resumo é perceptível pelo conteúdo do livro. Uma vez que foi Arriano que registrou as duas obras, é impossível sabermos se qualquer diferença entre a forma como o trecho citado consta nas obras de Epicteto, e, por outro lado, a forma como o respectivo trecho consta na obra da qual foi retirado¹⁰ resulta de decisão consciente ou de erro de Epicteto, na hora de citar, ou se a forma se deve ao próprio Arriano.

Embora não tenha nos chegado nada escrito por ele mesmo, Sócrates é uma das personagens mais notáveis da Grécia clássica, e há registros da atuação dele – sejam esses historicamente fidedignos ou tratando-se, parcialmente, de reinterpretações ou até invenções poéticas –, escritos, sobretudo, por Platão e por Xenofonte. Além disso, Sócrates aparece também em outras obras, como na comédia *As nuvens*, de Aristófanes, em que é uma das personagens. Nas escolas filosóficas do período helenístico, Sócrates é lembrado de diversas formas. Long (1988), em seu escrito *Socrates in Hellenistic Philosophy*, comenta sobre algumas divergências das escolas filosóficas a respeito do tratamento de Sócrates e lembra, ainda, que Sócrates é o filósofo pré-estoico mais próximo das ideias da escola estoica.¹¹ O alinhamento fica evidente, por exemplo, em alguns comentários de Crisipo sobre a inclinação de Sócrates à dialética e na defesa que Panécio de Rodes faz contra as críticas dos peripatéticos.¹²

SÓCRATES NO *ENCHEIRÍDION*

Considerando o mencionado alinhamento, é natural encontrarmos referências a Sócrates nas obras epictetianas. Sócrates não é o único citado e aludido no *Encheirídion*. É possível encontrarmos referências a Crisipo e a Homero, por exemplo, mas com padrão diferente daquele de Sócrates, uma vez que o filósofo ateniense é o mais citado e aludido nas obras de Epicteto. No

Encheiridion, são encontradas cinco alusões e duas citações do filósofo ateniense. Apresentamos agora as alusões a Sócrates na ordem em que aparecem na obra.

1 *Encheiridion* 5a

ταράσσει τοὺς ἀνθρώπους οὐ τὰ πράγματα, ἀλλὰ τὰ περὶ τῶν πραγμάτων δόγματα: οἷον ὁ θάνατος οὐδὲν δεινόν (ἐπεὶ καὶ Σωκράτει ἂν ἐφαίνετο), ἀλλὰ τὸ δόγμα τὸ περὶ τοῦ θανάτου, διότι δεινόν, ἐκεῖνο τὸ δεινόν ἐστίν.

Não são os fatos que inquietam os homens, mas as opiniões acerca dos fatos. Como a morte, em nada é terrível (pois, se o fosse, também assim teria parecido a Sócrates), mas a opinião sobre a morte, por ser terrível, a faz terrível.¹³

2 *Encheiridion* 32.3

ἔρχου δὲ ἐπὶ τὸ μαντεύεσθαι, καθάπερ ἤξιου Σωκράτης, ἐφ' ὧν ἡ πᾶσα σκέψις τὴν ἀναφορὰν εἰς τὴν ἐκβασιν ἔχει καὶ οὔτε ἐκ λόγου οὔτε ἐκ τέχνης τινὸς ἄλλης ἀφορμαὶ δίδονται πρὸς τὸ συνιδεῖν τὸ προκείμενον: ὥστε, ὅταν δεῆσῃ συγκινδυνεύσαι φίλῳ ἢ πατρίδι, μὴ μαντεύεσθαι, εἰ συγκινδυνεύτέον.

Encara a questão de pedir oráculos da mesma forma como Sócrates julgou ser a melhor: nos casos em que a investigação toda (pelo oráculo) tem um meio para a solução, e os pontos de partida para a compreensão do problema não são fornecidos, nem pelo discurso nem por alguma outra técnica. Dessa forma, quando for preciso enfrentar um perigo junto a um amigo ou a pátria, não consultes o oráculo se for preciso enfrentar o perigo.

3 *Encheiridion* 33.12

ὅταν τινὶ μέλλῃς συμβαλεῖν, μάλιστα τῶν ἐν ὑπεροχῇ δοκούντων, πρόβαλε σαυτῷ, τί ἂν ἐποίησεν ἐν τούτῳ Σωκράτης ἢ Ζήνων, καὶ οὐκ ἀπορήσεις τοῦ χρήσασθαι προσηκόντως τῷ ἐμπεσόντι.

Cada vez que estiveres prestes a se reunir com alguém, sobretudo com os que são conhecidos e ilustres, pergunta a ti mesmo o que Sócrates ou Zenão poderiam fazer nessa circunstância, e não ficarás em apuros ao se relacionar convenientemente com os que se apresentam.

4 *Encheiridion* 46.1¹⁴

μέμνησο γάρ, ὅτι οὕτως ἀφηρήκει πανταχόθεν Σωκράτης τὸ ἐπιδεικτικόν, ὥστε ἤρχοντο πρὸς αὐτὸν βουλόμενοι φιλοσόφοις ὑπ' αὐτοῦ συσταθῆναι, κάκεῖνος ἀπήγεν αὐτούς.

Lembra, pois, que, desse modo, Sócrates afastou de toda a maneira a ostentação, que os que vinham até ele querendo se reunir com filósofos através dele, ele os levava até eles.

5 *Encheiridion* 51.3¹⁵

Σωκράτης οὕτως ἀπετελέσθη, ἐπὶ πάντων τῶν προσαγομένων αὐτῷ μηδενὶ ἄλλῳ προσέχων ἢ τῷ λόγῳ. σὺ δὲ εἰ καὶ μήπω εἶ Σωκράτης, ὥς Σωκράτης γε εἶναι βουλόμενος ὀφείλεις βιοῦν.

Dessa forma, Sócrates cumpriu o seu dever, concentrando-se em trazer todos para o seu lado por meio da palavra. E tu, se ainda não és Sócrates, deves estar querendo viver como Sócrates.

Em todas as passagens, é possível afirmarmos que Sócrates aparece com grande prestígio e servindo como embasamento da argumentação de Epicteto, embora de forma ligeiramente distinta, bem como paradigma a ser seguido, o que anda de mãos dadas com a seguinte constatação de Klaus Döring:

Uma forma importante da recepção socrática antiga é [...] a forma que se deixa descrever com a fórmula “Sócrates como *paradeigma*”. Sócrates era, sobretudo na filosofia popular, desde o começo e até o fim, uma das mais queridas entre as numerosas figuras do mito e da história, que se costumava citar, na intenção de querer comprovar o dito ou o entendido através de um testemunho autoritativo ou de querer tornar a explicação mais ilustrativa e animada através da adição de um ou muitos exemplos.¹⁶

Nas alusões 1 e 4, Sócrates é usado como uma forma de ilustração ao que já foi argumentado, é utilizado para embasar o que é dito. Nas alusões 2 e 3, Sócrates já aparece como modelo a ser seguido. Epicteto mostra Sócrates como o norte do comportamento, ligeiramente diferente do tipo de embasamento das alusões 1 e 4; em 2 e 3, a argumentação de Epicteto se dá a partir de Sócrates. Long (2000), em seu estudo *Epictetus as Socratic Mentor*, afirma que Sócrates é o grande modelo da filosofia de Epicteto, uma espécie de professor que ele gostaria de ser e um modelo para seus alunos emularem.¹⁷ Essa afirmação se confirma

nitidamente na alusão 5, quando Epicteto sustenta, de forma contundente, que se deve querer ser como Sócrates.

A reverência a Sócrates por parte de Epicteto não se dá somente no *Encheirídion*. Nas *Diatribai*, também é possível localizarmos, em diversas passagens, alusões e citações a Sócrates. Em umas das passagens, inclusive, Epicteto assume inspiração no segundo livro das *Diatribai*, dedicando capítulo inteiro à dialética, e, ao final, emula um *elenchus* socrático e declara-se adepto dessa prática.¹⁸ Devido ao caráter sentencioso do *Encheirídion*, não é possível fazermos, a partir dessa obra só, análise profunda da retórica de Epicteto, contudo é possível afirmarmos que o estoico se utiliza de Sócrates em um tipo de argumentação baseado em “coexistência”. Argumentos desse tipo, segundo Fiorin (2015), em seu livro *Argumentação*, fundamentam-se na estrutura da realidade, ou seja, são argumentos que se baseiam em relações existentes que podem ser: causalidade, sucessão, coexistência e hierarquização. Para Fiorin, argumentos de coexistência são “[a]queles que relacionam um atributo com a essência ou de um ato com a pessoa”.¹⁹ Entre tais, o mais utilizado por Epicteto é o argumento de autoridade, pois esse apela para o respeito, para a reverência. Todas as passagens socráticas no *Encheirídion* mostram esse tipo de apelo por parte do estoico, ainda que as construções das falas sejam um pouco diferentes entre si.

No *Encheirídion*, ainda é possível vermos duas citações a falas de Sócrates, ambas aparecendo ao final do livro, sem contexto nenhum, parecendo alguma espécie de máximas ou *Merkspruch*²⁰ (ditado a ser memorizado) que Arriano selecionou como forma de resumo da obra. São elas:

ἀλλ', ὦ Κρίτων, εἰ ταύτη τοῖς θεοῖς φίλον, ταύτη γενέσθω.²¹

Mas Críton, se dessa forma é agradável aos deuses, que seja dessa forma.

ἐμὲ δὲ Ἄνυτος καὶ Μέλιτος ἀποκτεῖναι μὲν οὖνδυνται, βλάψαι δὲ οὐ.²²

Ánito e Meleto podem me matar, mas não me fazer mal.

Essas duas citações, do diálogo *Crítion* e do monólogo *Apologia*, escritos por Platão, fecham o *Encheiridion*.

O próprio Epicteto teve essas duas frases de Sócrates [...] “à mão em cada ocasião” [...], uma vez que nelas ele encontrou, em forma comprimida, aquilo que, para ele, foi a essência da vida socrática e o que deve configurar, segundo a sua opinião, como a verdadeira essência de cada vida.²³

A última parte do *Encheiridion* consiste em quatro citações que servem como máximas que ilustram o teor da mensagem da obra. É interessante que as duas citações são falas do próprio Sócrates, o que ilustra como a figura de Sócrates é fundamental para Epicteto, uma vez que, aqui, em posição privilegiada da obra, não se trata de meras narrativas sobre o filósofo. Considerando o conjunto das obras de Epicteto, podemos observar que “[c]ertas palavras de Sócrates se repetem várias vezes como *Leitmotiv*. Elas configuram, praticamente, pontos fixos no pensamento de Epicteto”.²⁴ Sobre *Encheiridion* 53.4, Simplicio comenta:

A frase no final “Ânito e Meleto podem me matar, mas não me fazer mal.” [...] conecta o fim com o início, lembrando-nos daquilo o que foi dito no começo [do *Encheiridion*]: que aquele que coloca o bem e o mal entre aquelas coisas que estão sob nosso controle e não entre as coisas que vêm de fora não pode ser constrangido por ninguém e não pode sofrer algum mal.²⁵

Em geral, não é possível afirmarmos se Epicteto leu os diálogos de Platão – muito menos se ele leu todos – ou somente alguns pequenos resumos, mas é possível dizermos que Epicteto conhece Sócrates por meio de leituras próprias.²⁶ Long afirma que as fontes de Epicteto sobre Sócrates foram os escritos de Platão e Xenofonte.²⁷ O próprio Epicteto nos fala diretamente sobre ambos, como faz, por exemplo, a respeito de Platão, em *Diatribai* I.28, 5; *Diatribai* II.17, 5; *Diatribai* II.17, 11, e de Xenofonte, em *Diatribai* I.17, 12; além de citar nominalmente a obra *Banquete* de Xenofonte, em *Diatribai* II.12, 15 e *Diatribai* IV.5, 3. Dessa forma,

parece ser realmente correto afirmarmos que suas fontes sobre Sócrates foram Platão e Xenofonte.

Analisando puramente as citações no *Encheirídion*, notam-se algumas diferenças entre as citações e as respectivas passagens em Platão. Vejamos:

ἀλλ', ὦ Κρίτων, εἰ ταύτη τοῖς θεοῖς φίλον, ταύτη γενέσθω.²⁸
ἀλλ', ὦ Κρίτων, **τύχη ἀγαθῇ**, εἰ ταύτη τοῖς θεοῖς φίλον, ταύτη **ἔστω**.²⁹

Nessa passagem, são perceptíveis duas mudanças: a supressão da expressão “**τύχη ἀγαθῇ**” e a mudança do verbo “**ἔστω**” para “**γενέσθω**”, na versão epictetiana. A mudança dos verbos, por estarem conjugados na mesma pessoa e modo, e terem significados semelhantes, acontece em campo semântico aproximado. Levando em consideração a mensagem passada no *Encheirídion*, não é mudança comprometedora. Em tradução mais livre, nesse contexto, seria possível traduzir o verbo “**γίγνομαι**” da mesma forma que se traduz “**εἶμι**” sem trazer mudança significativa³⁰ à mensagem.

Já a supressão da expressão “**τύχη ἀγαθῇ**”,³¹ além de também não comprometer em nada a mensagem que é passada, torna possível que a citação tenha sido feita pela memória, tentando, mas não conseguindo, lembrar-se do teor exato da passagem platônica.

Quanto à citação da *Apologia*, verifica-se um pouco mais de modificações entre a citação e o trecho citado:

ἐμὲ δὲ Ἄνυτος καὶ Μέλιτος ἀποκτεῖναι μὲν δύνανται, βλάψαι δὲ οὐ.³²
ἐμὲ μὲν γὰρ οὐδὲν ἂν βλάψειεν οὔτε Μέλητος οὔτε Ἄνυτος — οὐδὲ γὰρ ἂν δύναιτο — οὐ γὰρ οἴομαι θεμιτὸν.³³

Nessa citação, há várias diferenças, seja na conjugação dos verbos, seja na supressão de termos do trecho original. O importante aqui é observarmos que, mesmo sendo bem mais resumida que o original, a mensagem se mantém na íntegra. Aqui também podemos pensar em citação de memória.

O fato de não ser um verso pequeno fez com que a passagem fosse lembrada de forma resumida, faltando algumas partes. Não é absurdo pensarmos, alternativamente, que, nesse caso, a citação tenha sido feita de forma resumida propositalmente e que se trate uma máxima criada a partir da frase de Platão.

É possível pensarmos também que, como as obras epictetianas foram elaboradas por Flavio Arriano, e o *Encheirídion* é resumo das *Diatribai*, essas modificações teriam sido feitas de forma proposital pelo próprio Arriano, e não proferidas, dessa exata forma, nas aulas de Epicteto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é importante destacarmos que as duas obras epictetianas foram escritas por seu discípulo Flavio Arriano, que, como ele mesmo diz em uma carta, resolveu publicar as *Diatribai*, preservando, dessa maneira, a obra e os ensinamentos corretos do seu mestre. No entanto, não há nenhum registro apresentando o motivo de ele registrar (ou compor) o *Encheirídion*, mas é notório e comprovado que se trata de resumo das *Diatribai*.

Tendo isso em mente, é sempre importante levarmos em consideração que o gosto pessoal de Arriano, no que tange aos ensinamentos documentados, está presente na gênese das duas obras, sobretudo no *Encheirídion*, em que era preciso fazer uma seleção das passagens mais importantes. O *Encheirídion*, por ser um livro com caráter de máximas, revela poucos detalhes quanto à retórica de Epicteto. No entanto, ajuda-nos a endossar o seu grande respeito por Sócrates e o fato de o filósofo ter tentado passá-lo aos seus alunos.

Certamente há influência de Epicteto na predileção de Arriano em utilizar passagens em que Sócrates é reverenciado, tendo em vista que há outras referências a outros filósofos nas *Diatribai*. Döring chega a afirmar que, entre todos os filósofos estoicos dos séculos I AEC até meados de II EC, “é, sem dúvida alguma, Epicteto aquele o qual a figura de Sócrates impressionou

de forma mais duradoura. Em nenhum outro, Sócrates está constantemente presente como modelo explícito e implícito”.³⁴

O nosso estudo é importante por evidenciar o registro da reverência de Epicteto, e, por consequência, de Arriano a Sócrates, mas também por registrar as respectivas passagens como forma de mapeamento da obra, o que deverá ter continuidade, levando em conta, sistematicamente, as alusões e as citações socráticas nas *Diatribai*.

ABSTRACT

This paper investigates the importance of Socrates in Epictetus' *Encheiridion* through a brief analysis of the socratic allusions and quotations in this work, in which the teachings of the Stoic philosopher are recorded in a summarized form by his disciple Arrian. Our research proved itself significant, as references to Socrates are more frequent than those to other philosophers, including the founders of Stoicism.

KEYWORDS

Encheiridion; Quotations; Allusions; Socrates; Epictetus.

REFERÊNCIAS

ARRIANO, Flávio. **Dissertationes**. Tradução de Paloma Ortíz Garcia. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

ARRIANO, Flávio. **O Encheirídion de Epicteto**. Tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. Aracaju: Infographics, 2021.

DÖRING, Klaus. **Sokrates bei Epiktet**. In: DÖRING, Klaus; KULLMAN, W. (org.). *Studia Platonica*. Amsterdam: Grüner, 1974. p. 195-226.

DÖRING, Klaus. **Exemplum Socratis**: Studien zur Sokratesnachwirkung in der Kynisch-stoischen Popularphilosophie der Frühen Kaiserzeit und im Frühen Christentum. Wiesbaden: Franz Steiner, 1979.

DUHOT, Jean-Joël. **Epicteto e a sabedoria estoica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

EPICTETO. **Epicteti Dissertationes ab Arriano Digastae**. Henricus Schenkl (ed.). s.l.: s.n., 1898.

EPICTETO. **The Discourses as Reported by Arrian: the Manual and The Fragments**. William Abbot Oldfather (ed.). Cambridge: Harvard University Press, 1956. (vol. 1).

EPICTETO. **The Discourses as Reported by Arrian: the Manual and The Fragments**. William Abbot Oldfather (ed.). Cambridge: Harvard University Press, 1959. (vol. 2).

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

GAZOLLA, Rachel. **O ofício do filósofo estoico**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GRAZIOSI, Barbara. **Inventing Homer: the Early Reception of Epic**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LONG; A.A. Socrates in Hellenistic Philosophy. **The Classical Quarterly**, v. 38, n.1, Cambridge, Cambridge University Press, p. 150-171, 1988.

LONG; A.A. Epictetus as Socratic Mentor. **Proceedings of The Cambridge Philological Society**, n. 46, Cambridge, Cambridge University Press, p. 79-98, 2000.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin e NEVES, Maria Helena de Moura (orgs). **Dicionário Grego-Português**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010. (vol. 1-5).

PERLMAN, S. Quotations from Poetry in Attic Orators of the Fourth Century B.C. **The American Journal of Philology**, v. 85, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, p. 155-172, 1964.

PLATÃO. Crito. In: PLATÃO. **Euthyfro; The Apology; Crito; Phaedo; Phaedrus**. Cambridge: LOEB Classical Library, 2005.

PLATÃO. The Apology. In: **Euthyfro; The Apology; Crito; Phaedo; Phaedrus**. Cambridge: LOEB Classical Library, 2005.

¹Referências, no caso, são tanto citações diretas quanto alusões.

²Perlman, 1962, p.157.

³Graziosi, 2002, p. 180.

⁴Embora encontremos as primeiras alusões e citações nos poetas elegíacos no final do séc. VII / início do séc. VI AEC., a quantidade e a qualidade dessas referências não permitem um estudo sério e pautado nas finalidades e formalidades gerais de referências antes do séc. V AEC.

⁵Aqui, adota-se a classificação feita por Rachel Gazolla em *O ofício do filósofo estoico*, p. 17. Apesar de outras classificações existirem, a denominação “estoicismo romano” é sempre reconhecida. Alguns autores, como Duhot (2006, p. 27), inserem Panécio de Rodes no estoicismo romano. Contudo, o próprio estudioso diz que essa classificação é mais para efeito cronológico do que dogmático.

⁶Duhot, 2006, p. 32.

⁷Duhot diz ainda que Epicteto, ao ser levado a Roma, teve como mestre Epafrodito, que o passou a Musônio Rufo que, então, lhe concedeu a liberdade.

⁸Duhot, 2006, p. 34.

⁹Duhot (2006, p. 36) especula que talvez tenham existido oito volumes das *Diatribai*.

¹⁰As variantes textuais das edições críticas de Platão podem divergir da versão como uma citação, emprestada de uma obra platônica, se apresenta nas obras de Epicteto.

¹¹Além disso, Döring (1979, p. 5) observa que os estoicos “se entendiam, desde o início, como ‘socráticos’ e preservavam a memória ao Sócrates o qual estimavam muito. [...] De fato, alguns dos ensinamentos básicos deles coincidiram com certos ensinamentos de Sócrates. [...] O famoso ideal do sábio estoico, certamente, não surgiu sem olhar para Sócrates como modelo” (“*fühlten sich von Anfang an als ‘Sokratiker’ und hielten das Andenken des Sokrates demgemäß in hohen Ehren. [...] Tatsächlich stimmten einige ihrer ethischen Grundlehren mit Lehren des Sokrates überein. [...] Das berühmte stoische Weisensideal ist gewiß nicht ohne den Blick auf das Vorbild des Sokrates entstanden*”).

¹²Long, 1988, p. 160.

¹³Todas as traduções são da nossa autoria. O texto grego segue a versão estabelecida na edição de Oldfather, na série LOEB.

¹⁴Segundo Dinucci (2021, p. 96), “White (1983, p. 26, n. 26) observa que talvez Epicteto tenha em mente aqui os eventos da primeira parte do diálogo *Protágoras* de Platão (310 a – 311 a)”.

¹⁵Segundo Dinucci (2021, p. 98), é provável que se trate de alusão a *Críton* 46 b 4 – c 6 de Platão.

¹⁶“*Eine wichtige Form der antiken Sokratesrezeption ist [...] die Form, die sich mit der Kurzformel ‘Sokrates als Paradeigma’ bezeichnen läßt. Vor allem in der Populärphilosophie war Sokrates unter den zahlreichen Gestalten aus Mythos und Geschichte, die man herbeizitierte, wenn man das Gesagte oder Gemeinte durch ein autoritatives Zeugnis belegen oder die Erörterung durch die Beibringung eines oder mehrerer Beispiele anschaulicher und abwechslungsreicher gestalten wollte, von Anfang an eine der beliebtesten und blieb es bis zum Schluß*” (1979, p. 12).

¹⁷Long, 2000, p. 86.

¹⁸*Diatribai* II.12, 25.

¹⁹Fiorin, 2015, p.170.

²⁰Cf. Döring, 1979, p. 47.

²¹*Ench.* 53.3.

²²*Ench.* 53.4.

²³“*Epiktet selbst hatte diese beiden Sokratesworte [...] ‘bei jeder Gelegenheit parat’ [...] weil er in ihnen in komprimierter Form das ausgesprochen fand, was für ihn die Quintessenz des sokratischen Lebens ausmachte und was seiner Meinung nach eigentlich die Quintessenz eines jeden Lebens ausmachen sollte* (Döring, 1979, p. 45).

²⁴“*Bestimmte Sokratesworte kehren wie Leitmotive immer wieder, sie bilden geradezu so etwas wie Fixpunkte im Denken Epiktets*” (Döring, 1979, p. 45).

²⁵“*Das am Ende hinzugefügte Wort ‘Anytos und Meletos können mich zwar töten, aber schaden können sie mir nicht’ [...] verknüpft das Ende mit dem Anfang, indem es uns an das*

erinnert, was am Anfang [des Encheiridion] gesagt wurde: daß derjenige, der Gut und Böse bei denjenigen Dingen ansiedelt, die in unserer Macht sind, und nicht bei den Außendingen, weder von irgendjemandem gezwungen noch irgendwann einen Schaden erleiden kann” (apud Döring, 1979, p. 47).

²⁶Döring, 1974, p.199.

²⁷Long, 2000, p. 85.

²⁸*Ench.* 53.3.

²⁹Pl., *Crito* 43d.

³⁰ Obviamente, toda tradução apresenta diferenças em relação ao texto de partida. O verbo “γίγνομαι” que significa, em geral, nascer, tornar, surgir, nesse imperativo poderia ser traduzido como “εἶμι” (ser/estar), isto é “[m]as Críton, se desta forma é agradável aos Deuses, que seja dessa forma!”.

³¹ Comumente traduzida como “à boa fortuna”, “à boa sorte”.

³²*Ench.* 53.4.

³³ Pl., *Apol.* 30c. Tradução: “Pois a mim, não fizeram mal, nem Ânito, nem Meleto – e nem poderiam – pois não creio que seja justo”.

³⁴ “[I]st Epiktet ohne Zweifel derjenige, auf den die Gestalt des Sokrates den nachhaltigsten Eindruck gemacht hat. Wie bei keinem anderen ist bei ihm das Vorbild des Sokrates ausgesprochen oder unausgesprochen stets gegenwärtig” (1979, p. 44).